



LETRAMENTO COMO SIGNO IDEOLÓGICO DA ALFABETIZAÇÃO BRASILEIRA: um contraponto à sanha [não menos ideológica] da Política Nacional de Alfabetização

Jânio Nunes dos Santos¹

Adriana Cavalcanti dos Santos²

Eixo temático: 1. Alfabetização e políticas públicas

Resumo: Com o objetivo de analisar os atravessamentos no encontro do discurso da Política Nacional de Alfabetização (PNA) com os discursos de professores alfabetizadores, tendo em vista o signo letramento em disputa, valemo-nos dos enunciados concretos de cinco professores alagoanos que participaram de um grupo focal (GATTI, 2005) sobre a PNA. O corpus qualitativo foi analisado à luz da técnica da Análise Dialógica Discursiva (BRAIT, 2006). Para a discussão teórica no entrelaçamento entre ideologia e letramento, são mobilizados autores como Bakhtin (2011), Volóchinov (2017), Soares (2016, 2020), dentre outros. Os resultados revelam que o letramento constitui-se num signo ideológico da alfabetização brasileira presente nos discursos dos alfabetizadores, embora atravessado por discursos formativos de ordem contrária.

Palavras-chaves: Letramento; Signo ideológico; Política Nacional de Alfabetização.

Introdução

A noção/concepção de “signo ideológico” é definida na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov (2017), em função da potencialidade de refração de todo fenômeno social-ideológico. Portanto, o signo ideológico é “um fragmento material” da realidade, isto é, possui uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. O signo ideológico se constitui na

¹Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFAL). Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Contato: jnio.nunes@gmail.com

²Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFAL) com Estágio Pós-Doutoral pela Universidade do Porto-Portugal. Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Contato: adricavalcanty@hotmail.com

significação construída nas relações dialógicas em meio as ideologias e os horizontes valorativos dos sujeitos. Assim, os sujeitos, em interação, constroem e reconstróem seus signos ideológicos.

É de tal modo, que concebemos toda ação humana socialmente situada como ideológica e, a partir de nossa pesquisa de doutoramento (SANTOS, 2022), tendo por objeto os discursos formativos de professores alfabetizadores alagoanos que participaram do Curso Práticas de Alfabetização integrante da Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019a; 2019b), traremos ao debate a categoria letramento como signo ideológico. Nesse sentido, buscaremos articular a discussão acerca do que a PNA defendia em seu discurso oficial no encontro com os discursos dos professores alfabetizadores, observando os atravessamentos.

A discussão se reveste de importância, tendo em vista a tentativa da PNA, ao se opor à lógica do letramento, na promoção do rompimento com o processo de bricolagem que até então se constatava nas políticas de/para a alfabetização a ela anteriores. O discurso da PNA e de seus propositores alega haver, até então, a alfabetização de cunho ideológico, que busca ideologizar o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita pelo viés do Construtivismo e do Letramento.

Esse posicionamento se sustenta nos pilares do neoliberalismo, da produção de mão de obra técnica para o mercado de trabalho, do conservadorismo nos costumes e na religião em nome da manutenção da família tradicional, além de se dizer combatente do discurso ideológico, colocando-se neutra, quando essa é uma posição impossível em se tratando de uma ação socialmente humana.

Duas questões norteiam esse texto-diálogo: A tentativa, por parte da PNA, de apagar o signo ideológico letramento dos discursos, e consequente prática, dos professores alfabetizadores foi bem-sucedida? O que revelam os enunciados concretos dos professores alfabetiza que compõem o *corpus* em análise acerca do letramento silenciado no discurso oficial? Buscaremos responder, ou sugerir possíveis respostas, a partir deste recorte investigativo por meio da Análise Dialógica Discursiva (ADD) dos enunciados concretos e representativos dos professores alfabetizadores.

2 Letramento e ideologia

Tomamos o conceito de ideologia pelo viés do signo ideológico do Círculo de Bakhtin, de modo que “ao realizar-se no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110). Ou seja, o signo ideológico nunca é individual, mas realiza-se no social, no processo de refletir e refratar ideologia de um determinado grupo.

Ideologicamente, uma pedra é simplesmente pedra em sentido pragmático e próprio, mas a partir do momento que alguém pinta essa pedra de branco e a utiliza como fronteira entre terrenos/propriedades, sua função sófica muda, pois socialmente passa a ser vista não mais (não só) como pedra, mas como fronteira.

O signo ideológico, ao refletir a ideologia vigente de um grupo, deixa à mostra as vozes do auditório social que o constitui, e ao refratar, entra em embate com as muitas outras vozes, com as demais ideologias de grupos/épocas distintos. É nesse processo de embate, que o discurso se constitui, no inacabamento, no movimento resposta/contra-resposta (BAKHTIN, 2011). Logo, vale conceber a ideologia em sua dinamicidade.

Ainda a recorrer-se ao Círculo de Bakhtin para conceituar ideologia, entendamo-la por dois vieses: a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano. Para Volóchinov (2017) a ideologia do cotidiano emerge dos encontros casuais com os demais sujeitos, em situações reais, recorrentes e inesperadas, nas/para as referências que construímos. É a vida em pauta nas suas pluralidades discursivas. Já a ideologia oficial compreende uma relativa dominação a partir da concepção de mundo (única) que procura se disseminar para (re)produção de discursos da classe econômica e politicamente dominante.

Para o Círculo de Bakhtin, as fronteiras entre as modalidades ideológicas não são tão bem demarcadas, haja vista que elas se tocam, misturam-se em determinados pontos por considerar os sujeitos que as significam nas interações e trocas simbólicas desenvolvidas nos/pelos grupos sociais. As fronteiras acabam por borrar-se. A própria superestrutura existe apenas em coexistência com a estrutura. Isso confirma que o ato de (querer) fazer calar vozes outras é interativo em sentido estrito, pois se reconhece, ainda que se negue, outros dizeres, outros signos. O fazer calar não é neutro, prevê dominação e hegemonia ideológica de uma classe.

Miotello (2005) nos explica que as diversas vozes que dos/nos signos ecoam, deixam transparecer as contradições ideológico-sociais entre passado e presente, entre outras épocas passadas, entre grupos diversos, entre possibilidades futuras. A ideologia, seja oficial ou do cotidiano, é produzida e produz no movimento de refletir e refratar do/pelo signo ideológico. A arena de disputa entre os muitos sentidos vivencia embates constantes. É nessa acepção que Faraco (2009, p. 56), a partir dos pressupostos do Círculo, conceitua a refração como “o emaranhado dos milhares de fios dialógicos tecidos pela consciência sociológica (isto é, pelo todo da criação ideológica) em torno de cada objeto [...] como a torre de Babel que cerca todo e qualquer objeto”.

As políticas educacionais, enquanto objeto simbólico e sófico, são carregadas de vozes convergentes (que se quer fazer ouvir) e divergentes (que se pretende calar), o que lhes asseguram a essência dialógica, pois como afirma o Círculo de Bakhtin, todo dizer se

orienta pelo já dito, assim como todo dizer é orientado para a resposta e é internamente dialogizado (FARACO, 2009).

Desse modo, ao ausentar-se a palavra letramento na PNA (BRASIL, 2019a), instituída via decreto presidencial, em abril de 2019, no Governo Jair Messias Bolsonaro, observa-se a imagem em ausência, o que violenta o ponto de vista alheio, pressupondo um único espírito do conhecimento indiferente, porém reconhece-se, ainda que se negue, o discurso do outro, das políticas de alfabetização assentadas na teoria do Letramento. Logo, a própria PNA, na negação da palavra silenciada, reconhece a presença do letramento na alfabetização brasileira.

Por letramento, concordamos com a definição de Soares (2020): constitui-se das questões que dizem respeito a escrita e a leitura por gênero do discurso, bem como o uso dessa escrita nas diferentes práticas sociais. Portanto, o letramento dá conta das duas facetas de inserção do indivíduo no mundo da escrita, de modo que a faceta interativa é o veículo de interação entre os indivíduos por meio da língua escrita pelos gêneros do discurso, e a faceta sociocultural considera os usos, funções e valores atribuídos à escrita nos contextos socioculturais (Idem, 2016).

Os Novos Estudos do Letramento (STREET, 2014), na defesa de que para a Pedagogia, para as políticas de alfabetização e na construção de planos de governo, aponta a necessidade de extrapolar o mero ensino às crianças dos aspectos técnicos da língua no viés do codificar e decodificar ou de suas funções, para ajudá-las a adquirir/construir a consciência de natureza social e ideologicamente assentada em formas específicas significativa espaço-temporalmente.

Logo, a PNA, na tentativa ideológica de validar discursivamente a literacia como novo signo, segue na contramão, ao propô-la enquanto processo mais abrangente que o letramento, denotando-se a defesa de que abrange não somente os usos sociais da escrita, como também os usos pessoais (MORAIS, 2014).

Considerando o letramento como um signo ideológico dos alfabetizadores brasileiros construído (e em construção) nas últimas quatro décadas (desde 1980) (SANTOS, 2022), ressalta-se que construir ou apagar signos ideológicos não é uma tarefa fácil e que se dê em franca rapidez. Os signos construídos, ideologicamente, num tempo e espaço refletem crenças, ao passo que refratam nos/dos horizontes valorativos de uma comunidade, de um auditório social interativo. Apagar e/ou propor signos sempre se constitui em processos ideológicos.

3 Metodologia

De natureza qualitativa, esta investigação analisa os discursos de professores a partir de um Grupo Focal (GATTI, 2005) sobre a PNA, realizado com cinco professores alfabetizadores do Estado de Alagoas. A pesquisa integra o Coletivo Nacional Alfabetização em Rede (Alfa-Rede), tendo sido submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e aprovada pelo Parecer Consubstanciado de Nº 4. 237.062.

Tendo em vista o anonimato e a preservação das identidades dos alfabetizadores participantes do grupo focal, optou-se por usar nomes fictícios para identificá-los, conforme o quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Perfil dos professores alfabetizadores participantes do grupo focal

Professor	Formação	Tempo de Experiência
Marisa	Pedagogia / Especialização	10 anos
Lourdes	Pedagogia / Mestrado em Educação	8 anos
Andressa	Psicopedagogia	18 anos
Laís	Não informado	4 anos
Joel	Magistério / Nível Médio	5 anos

Fonte: Dados da Pesquisa Alfabetização em Rede – *Corpus* Alagoas (2020)

Para a análise dos dados, recorreremos a técnica de Análise Dialógica Discursiva (ADD) (BRAIT, 2006), a qual vale-se de um “[...] corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica diante de *corpus* discursivo, da metodologia e do pesquisador” (Idem, p. 61), observando a categoria letramento emergente dos enunciados concretos dos professores alfabetizadores.

4 A recorrência do signo ideológico letramento nos discursos dos alfabetizadores

Com a tentativa de mudança ideológica do conceito de alfabetização pela PNA, investe-se na tentativa de apagar/silenciar o signo letramento propondo a literacia em seu lugar. Esse discurso foi disseminado nos documentos que compõem a referida política e no Curso Práticas de Alfabetização direcionado aos professores alfabetizadores. Todavia, ao tratar da alfabetização, emergiu dos discursos docentes a categoria letramento, em que se observa como os professores alfabetizadores tomam para si o discurso do Curso Práticas de Alfabetização, emoldurando-o e reforçando seu caráter de signo ideológico.

Assim, o conceito de criança alfabetizada emoldura e atrela os conceitos de alfabetização, letramento e, a partir da PNA, literacia. Quando conduzidos ao diálogo sobre o

que seria uma criança alfabetizada, após a participação no curso mencionado da PNA, os discursos emergentes e dialógicos dos professores alfabetizadores revelam a marcante presença do letramento, mesmo silenciado pelo discurso oficial, como se observa a seguir:

Criança alfabetizada é aquela que está também **letrada** em fazer as inferências no mundinho dela, ter noção do que está se passando e não somente ficar decodificando as palavras ou as frases. Não somente ler, sem entender o que está se passando, mas lendo e inferindo sobre ele (mundo), sobre os seus conhecimentos, associando o que aprende na escola. (Marisa)

Aquela criança que consegue usar as **habilidades de leitura e escrita**, tendo autonomia na compreensão de textos, de palavras. (Lourdes)

É quando a criança é capaz de desenvolver sozinha aquilo que ela aprendeu e ampliar aquilo que ela aprendeu com o **letramento**. (Andressa)

Ela está alfabetizada no momento em que ela já entende tudo aquilo que está escrevendo; ela apenas não escreve, **não é só escrever por escrever**. Ela já tem aquele entendimento. Para ela chegar ao nível de **alfabetizada e letrada**, precisa escrever e entender tudo. (Laís)

É a criança que não apenas codifica, **ela não vai transcreever somente de forma robótica**; vai fazer uma leitura interpretativa daquele texto, contextualizando também o meio em que ela está lendo e interpretando aquilo: é uma criança que é alfabetizada. (Joel)

Nos discursos acima, o signo letramento é recorrente. Os alfabetizadores fazem a aproximação entre a alfabetização e o processo de letramento, para além do código linguístico. As falas representativas denotam que a compreensão da leitura é o indício para que eles classifiquem a criança como alfabetizada e letrada [faceta interativa] (Soares 2016). Essa aproximação entre leitura, compreensão leitora, alfabetização e letramento é posta por Soares (2020) ao enfatizar que o texto é o eixo central das atividades de letramento.

Embora nenhum dos professores tenha relacionado o letramento com as práticas sociais mediadas pela língua escrita de maneira explícita [faceta sociocultural] (SOARES, 2020), percebe-se que a PNA não conseguiu extinguir o signo dos discursos sobre saberes-fazer em alfabetização desses professores, tampouco a literacia foi por eles significada, reforçando o que defendemos a partir dos enunciados concretos e representativos: o letramento consiste num signo ideológico dos professores alfabetizadores, o qual encontra-se enraizado nos seus discursos e no fazer alfabetizador. Essa questão é abordada de maneira nítida nos seguintes fragmentos discursivos:

Criança alfabetizada é aquela que está também **letrada** em fazer as inferências no mundinho dela (Marisa)

[..] ampliar aquilo que ela aprendeu com o **letramento**. (Andressa)

Para ela chegar ao nível de **alfabetizada e letrada**, precisa escrever e entender tudo. (Laís)

Expressamente, os termos “letramento” e “letrada” aparecem nos discursos das professoras Marisa, Andressa e Laís. Embora o conceito propriamente dito pode não condizer, em totalidade, com o processo de letramento apontado por Soares (2020), há mais pontos convergentes, que divergentes. O professor Joel, recorre ao letramento, de maneira tácita, ao afirmar que criança alfabetizada: “É a criança que não apenas codifica, **ela não vai transcrever somente de forma robótica**”, dando a entender a necessidade da compreensão dos sentidos, conseqüentemente nas práticas sociais que envolva a escrita.

Nessa esteira de sentidos, signos e significados, quando os professores alfabetizadores acima compreendem a criança alfabetizada/letrada como aquela que “não somente ler, sem entender o que está se passando, mas lendo e inferindo sobre ele (mundo), sobre os seus conhecimentos, associando o que aprende na escola” (Marisa), “tendo autonomia na compreensão de textos” (Lourdes) e “está lendo e interpretando” (Joel), percebemos um contraponto ao posto/imposto, que Bakhtin (2011) conceitua como contra-resposta.

O contraponto encontra-se não apenas na manutenção do signo letramento nos discursos docentes, mas também nos conceitos de alfabetização enunciados pelos alfabetizadores em relação àquele posto pela PNA no qual a língua em uso é negligenciada na defesa de que primeiro se aprender a codificar/decodificar para somente depois aprender os sentidos/significados do lido: “a compreensão de textos, por sua vez, consiste num ato diverso do da leitura. É o objetivo final, que depende primeiro da aprendizagem da decodificação e, posteriormente, da identificação automática de palavras e de fluência em leitura oral” (BRASIL, 2019b, p. 19).

Diante do exposto, os enunciados analisados revelam que os professores alfabetizadores, partícipes da investigação,, mantiveram a relação de alfabetização com letramento considerando a criança alfabetizada para além do domínio do “código linguístico”, recriando as palavras dadas acerca da alfabetização e do letramento anteriores à PNA. Prevalecem nas vozes discursivas a concepção de a alfabetização atrelada ao signo letramento no sentido do alfalettrar (SOARES, 2020) e do não emolduramento da palavra literacia, embora tão explorada na PNA, no curso Práticas de Alfabetização.

5 Considerações Finais

Mediante o conceito de signo ideológico, defendido neste trabalho, percebe-se sua natureza no recrutamento do mesmo pelos alfabetizadores na significação do processo de alfabetização cujo entendimento extrapola a perspectiva de o ensino de um código linguístico dissociado dos usos reais da língua.

A intenção clara e persistente da PNA em apagar/silenciar/colocar em ausência um signo ideológico consolidado nos horizontes valorativos de professores alfabetizadores, tal qual o letramento, não foi uma ação bem-sucedida dada a natureza própria da linguagem/discurso, que permite ações isoladas de um grupo, tampouco se modifica a estrutura de um discurso em pouco tempo, embora os atravessamentos sejam reais e reflitam nos discursos do grupo que com ele dialoga.

Por fim, fica claro nos discursos dos professores alfabetizadores que o letramento é um signo ideológico da alfabetização brasileira que vem se construindo em sentido e significado há, pelo menos, três décadas (SANTOS, 2022).

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, B. **Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise**. Gragoatá, Niterói-RJ, n. 20, p. 47–62, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Decreto 9.765**. Brasília: MEC, SEALF, 2019a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019b.
- FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GATTI, B. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos chaves**. – São Paulo: Contexto, 2005, p. 167-176.
- MORAIS, J. **Alfabetizar para a democracia**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- SANTOS, J. N. Política Nacional de Alfabetização: discursos formativos de professores alfabetizadores no âmbito do Programa Tempo de Aprender. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Federal de Alagoas, 2022.
- SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.
- SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1ª ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto 2020

STREET, B. **Letramentos Sociais**: abordagem crítica do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.